

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CICERO THALYSSON MARTINS GOMES

**O GOZO CÍNICO NA TOXICOMANIA: UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE
PRAZER E AUTODESTRUÇÃO**

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2024

CICERO THALYSSON MARTINS GOMES

**O GOZO CÍNICO NA TOXICOMANIA: UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE
PRAZER E AUTODESTRUÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso –
Artigo Científico, apresentado à
Coordenação do Curso de Graduação em
Psicologia do Centro Universitário Dr.
Leão Sampaio, em cumprimento às
exigências para a obtenção do grau de
Bacharel em Psicologia.

Orientador: Dr Raul Max Lucas da
Costa

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2024

CICERO THALYSSON MARTINS GOMES

**O GOZO CÍNICO NA TOXICOMANIA: UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE
PRAZER E AUTODESTRUÇÃO**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 26/06/2024

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr Raul Max Lucas da Costa

Membro: Profa. Me. Maria Aparecida Trindade Pereira

Membro: Prof. Me. Alex Figueirêdo da Nóbrega

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2024

O GOZO CÍNICO NA TOXICOMANIA: UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE PRAZER E AUTODESTRUICÃO

Cicero Thalysson Martins Gomes¹

Raul Max Lucas da Costa²

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi analisar o fenômeno do gozo cínico na toxicomania, explorando suas características e implicações. A metodologia utilizada foi uma revisão bibliográfica, com base em obras de diversos autores, como Santiago (2001), Alencar (2016) e Oliveira (2009), que discutem o conceito de gozo na toxicomania. Constatamos que o gozo cínico na toxicomania envolve a busca consciente pelo prazer, mesmo sabendo de suas consequências negativas. Esse tipo de gozo é autossuficiente e solitário, não dependendo do outro para sua satisfação. Destacamos a importância de abordagens terapêuticas que considerem essa complexidade, buscando formas mais autênticas e sustentáveis de prazer. Recomenda-se que futuras pesquisas explorem outras manifestações do gozo cínico em diferentes contextos sociais e culturais. A compreensão dessas dinâmicas pode contribuir para intervenções mais eficazes na abordagem da toxicomania.

Palavras-chave: gozo cínico, toxicomania, prazer, autonomia, drogas.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to analyze the phenomenon of cynical enjoyment in drug addiction, exploring its characteristics and implications. The methodology used was a literature review, based on works by various authors such as Alencar (2016) and Oliveira (2009), who discuss the concept of enjoyment in drug addiction. We found that cynical enjoyment in drug addiction involves a conscious pursuit of pleasure, despite knowing its negative consequences. This type of enjoyment is self-sufficient and solitary, not depending on others for satisfaction. We highlight the importance of therapeutic approaches that consider this complexity, seeking more authentic and sustainable forms of pleasure. We conclude that future research explore other manifestations of cynical enjoyment in different social and cultural contexts. Understanding these dynamics can contribute to more effective interventions in addressing drug addiction.

Keywords: cynical enjoyment, drug addiction, pleasure, autonomy, drugs.

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: Thalyssonmartins63@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: Raulmax@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A toxicomania, ou dependência química, é um fenômeno complexo que envolve uma série de fatores psicológicos, sociais e biológicos. A visão da psiquiatria sobre o prazer e a toxicomania é frequentemente orientada pela compreensão dos processos neurobiológicos envolvidos no uso de substâncias. De acordo com a psiquiatria, o uso de drogas ativa sistemas de recompensa no cérebro, particularmente o sistema dopaminérgico, que é responsável pela sensação de prazer e reforço positivo (Paula, 2014).

Esta ativação pode levar à dependência, pois o cérebro se adapta às substâncias, exigindo doses maiores para atingir o mesmo efeito, um processo conhecido como tolerância. A psiquiatria tende a abordar a toxicomania como um transtorno médico que requer intervenção farmacológica e terapias comportamentais para ajudar o sujeito a gerenciar os sintomas de abstinência, reduzir os desejos e reestruturar padrões de comportamento disfuncionais (Santos, 2007).

Por outro lado, a psicanálise oferece uma perspectiva diferente, focando mais nas dimensões subjetivas e inconscientes do uso de drogas. Segundo a psicanálise, a toxicomania pode ser vista como uma tentativa de lidar com conflitos internos e ansiedades profundas. Freud foi pioneiro em sugerir que a toxicomania está ligada às idiossincrasias do sujeito, onde o uso de substâncias pode ser uma forma de autoerotismo ou uma busca por uma satisfação que escape ao princípio de realidade (Serretti, 2012).

A droga é vista como um "objeto a" que serve para preencher uma falta ou um vazio existencial, proporcionando um gozo que transcende o prazer imediato e simples. A psicanálise investiga como os significados simbólicos e os discursos em torno da droga influenciam a identidade do usuário, propondo que o tratamento deve incluir a exploração dessas dinâmicas psíquicas para promover uma compreensão mais profunda e uma eventual resolução dos conflitos subjacentes (Pereira, 2014).

Dentro desse contexto, o conceito de "gozo cínico" pode ser entendido como a busca pelo prazer imediato e a negação das consequências negativas associadas ao uso de substâncias psicoativas. Neste trabalho, proponho uma análise

aprofundada dessa relação, buscando analisar como o gozo cínico se manifesta na toxicomania e como ele influencia o comportamento dos sujeitos que sofrem com essa condição.

A toxicomania é um fenômeno complexo que envolve uma relação paradoxal entre o prazer, a ironia e a autodestruição, encapsulando perfeitamente o conceito de gozo cínico. Este termo descreve a busca consciente pelo prazer através do uso de drogas, mesmo sabendo que tal prazer é ilusório e carregado de consequências negativas.

O conceito de gozo, particularmente na teoria psicanalítica, refere-se a uma forma de prazer que transcende o simples hedonismo e envolve uma satisfação intensa que pode estar associada tanto ao prazer quanto à dor. Jacques Lacan, um dos principais teóricos a explorar este conceito, diferenciou o gozo do prazer comum, destacando que o gozo é um estado em que o sujeito busca uma satisfação que vai além dos limites impostos pelo princípio de prazer (Alencar, 2016).

O gozo está ligado à pulsão de morte e a transgressão dos limites, frequentemente resultando em comportamentos que podem ser autodestrutivos ou paradoxalmente prazerosos. É uma experiência que desafia a lógica convencional do prazer, frequentemente associada a excessos e à busca de uma realização que nunca é completamente alcançada, refletindo uma luta contínua entre a busca de satisfação e a inevitável confrontação com a falta e o desejo insatisfeito (Canabarro; D'Agord, 2015).

No contexto da toxicomania, o gozo cínico manifesta-se quando os sujeitos consomem substâncias psicoativas para experimentar euforia e bem-estar, ao mesmo tempo em que reconhecem a futilidade e os danos de tal comportamento. Este uso irônico das drogas é uma tentativa de escapar da realidade ou aliviar o sofrimento, apesar da consciência de que isso leva à dependência e à degradação física e emocional. Este ciclo reflete a natureza cínica do prazer obtido através das drogas, onde a busca pela satisfação momentânea resulta em sofrimento prolongado. A ironia está no fato de que, apesar de entenderem as consequências, os sujeitos continuam a consumir drogas, perpetuando o ciclo de gozo cínico.

Os usuários de drogas muitas vezes entram em um ciclo autodestrutivo, onde o prazer imediato é seguido por períodos de culpa, arrependimento e deterioração da saúde. Vale ressaltar, que existe uma diferença entre usuário e dependente químico. O usuário pode consumir a droga de forma ocasional ou esporadicamente, valendo-se dela tanto para obter prazer quanto para aliviar-se em momentos de angústia, ou seja, regido pelo princípio do prazer, que é vivido conscientemente, da ordem do relaxamento, da queda da tensão, enquanto o dependente químico não tem domínio sobre o seu desejo, em outras palavras, o seu desejo é inconsciente, da ordem da tensão, é vivido no corpo e o sujeito só tem notícias pelos seus efeitos no corpo. Compreendemos assim, que o uso está ligado ao prazer, enquanto o abuso está ligado ao gozo.

Para abordar este problema, é fundamental reconhecer a complexidade da relação entre prazer, ironia e autodestruição na toxicomania. O lugar da clínica psicanalítica é, em essência, um espaço de escuta e interpretação onde o sujeito pode explorar suas angústias, desejos e conflitos internos sob a orientação de um psicanalista. Nesta clínica, o inconsciente é abordado como uma estrutura dinâmica que se manifesta através de sonhos, atos falhos, lapsos e sintomas neuróticos. O objetivo é permitir que o paciente traga à luz os conteúdos reprimidos, possibilitando a elaboração e integração desses conteúdos em sua consciência. Intervenções eficazes devem ir além do simples tratamento médico, incluindo suporte psicológico e social para ajudar os sujeitos a encontrarem formas mais saudáveis e autênticas de prazer e realização. Ao desafiar a superficialidade do gozo cínico, é possível promover uma recuperação mais sustentável e significativa para aqueles que lutam contra a dependência química.

Esse estudo tem por objetivo principal investigar as nuances dessa dinâmica, explorando as motivações por trás do comportamento autodestrutivo associado à toxicomania e examinando como o gozo cínico pode servir como uma transgressão com efeitos de dessubjetivação. Além disso, pretende-se analisar criticamente o papel da sociedade e das políticas públicas na perpetuação desse ciclo, bem como discutir possíveis abordagens terapêuticas para lidar com essa questão de forma mais eficaz.

A relevância deste estudo reside na necessidade de compreendermos melhor os mecanismos subjacentes à toxicomania, a fim de desenvolvermos estratégias mais eficazes de prevenção e tratamento, compreendendo que a ética da

psicanálise é a ética do um a um, da singularidade do sujeito, de uma prática clínica que preza pela investigação da função que a droga cumpre na economia de gozo de cada sujeito. A proposta da psicanálise é que somente ao se considerar a função da droga para cada sujeito, é que se pode reconstruir a relação desse sujeito com o Outro.

Ao abordar o tema do gozo cínico na toxicomania, espera-se contribuir para o avanço do conhecimento nessa área e para a melhoria da qualidade de vida das pessoas afetadas por essa condição.

2 METODOLOGIA

Esse estudo tratou-se de uma revisão de literatura do tipo integrativa, explicativa com abordagem qualitativa, onde foram utilizadas fontes secundárias referentes à temática em questão. De acordo com Ercole, Melo e Alcoforado (2014), a revisão integrativa de literatura é um método que tem como finalidade sintetizar resultados obtidos em pesquisas de maneira sistemática, ordenada e abrangente, mediante diferentes metodologias. É denominada integrativa porque fornece informações mais amplas sobre um assunto, constituindo um corpo de conhecimento e podendo ser direcionada para a definição de conceitos, revisão de teorias ou análise metodológica dos estudos.

Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. Seguindo essa linha de raciocínio, Vieira e Zouain (2005) afirmam que a pesquisa qualitativa atribui importância fundamental aos depoimentos dos atores sociais envolvidos, aos discursos e aos significados transmitidos por eles. Nesse sentido, esse tipo de pesquisa preza pela descrição detalhada dos fenômenos e dos elementos que o envolvem.

Dessa forma, para Menezes *et al.* (2019), uma pesquisa exploratória é aquela que não busca uma resposta específica e definitiva acerca do objeto de estudo. Na realidade, o método exploratório tenta compreender mais aspectos sobre o tema, buscando especificar mais o assunto.

Para a realização da presente revisão houve uma busca integrada no Google Acadêmico que permitiu a localização simultânea de estudos nas bases de dados: SCIELO, PUBMED, Biblioteca Virtual de Saúde-PSI. Os critérios de inclusão dos estudos foram artigos completos relacionados à pesquisa, tempo do artigo, idioma (português), tipo de estudo (artigos) e base de dados (SCIELO). Os critérios para exclusão da pesquisa foram: textos incompletos, resumos, teses, artigos que fogem à temática e artigos duplicados.

Para tanto foi realizada a seguinte sequência de busca: 1º etapa – pesquisa dos descritores cadastrados no Scielo; 2º etapa – busca nas bases de dados; 3º etapa – leitura dos títulos dos estudos; 4º etapa - leitura dos resumos dos artigos selecionados; 5º etapa - leitura na íntegra dos artigos selecionados a partir da associação dos descritores.

Continuamente foram examinadas as referências de artigos selecionados para identificar aqueles que não serão cobertos pela busca. Finalizada a coleta de dados, foi realizada uma análise dos objetivos e resultados de todos os estudos a fim de obter os pontos de partida e desfechos que mais fundamentam o tema pesquisado.

Quanto aos aspectos éticos, por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, o presente estudo não necessitou passar por avaliação de um comitê de ética em pesquisa. Também não houve necessidade de solicitar permissão aos autores, visto que não houve prejuízo aos princípios da bioética em pesquisas e os mesmos, por serem publicações eletrônicas disponíveis nos bancos de dados online da rede universal de dados (Internet), são de livre acesso a todos.

3 O CONCEITO DE GOZO: uma perspectiva psicanalítica e filosófica

De acordo com Fuks (2007) o conceito de gozo, tanto na psicanálise quanto na filosofia, é complexo e multifacetado, indo além da mera ideia de prazer. Na psicanálise, especialmente na teoria lacaniana, o gozo é entendido como um excesso que ultrapassa a dimensão do prazer ligado à satisfação de necessidades

básicas. É um estado que envolve uma mistura de prazer e dor, uma experiência intensa e singular que pode ser difícil de ser expressa em palavras.

Diante disso, Fuks (2007, p. 03) menciona ainda que:

No último capítulo, Gozo e ética na experiência psicanalítica, o recurso usado para encaminhar o leitor a tal sorte de questão foi o de explorar uma outra face do gozo – ‘aquela que passa pela mediação ativa do diafragma da palavra’. O autor parte da hipótese de que se a experiência psicanalítica está jogada integralmente na relação do sujeito com o gozo, ela se orienta para um certo bem que é o gozo como possível. E aqui o autor faz uso do estilo que convém à sua mensagem: ‘o gozo é aquilo que deve ser recusado para que possa ser alcançado. Na rota até o gozo há que fazer, forçosamente, uma escala no porto do desejo’. O lirismo da sentença agrega algo mais ao rigor clínico e teórico do autor. (Fuks, 2007, p. 03)

Inicialmente, a noção de gozo, empregada por Lacan, também estava ligada ao prazer sexual e implicava a ideia de perversão. O perverso sabe fazer gozar. À medida que avançou na teorização do real, Lacan diferenciou a noção de gozo da de prazer. O prazer é da ordem do gozo parcial, submetido ao simbólico.

Lacan (1988/1959-1960) funda o gozo a partir de uma referência ao *Das Ding* freudiano, ou seja, numa situação anterior a todo significante. Diz ele: o gozo está na coisa enquanto o desejo está do lado do Outro. O gozo não passa pelo Outro, não passa pela linguagem. O gozo está para além da dor, justamente porque há uma cisão entre aquele que goza e o Outro. Se dor e gozo, do ponto de vista quantitativo, dizem respeito à ultrapassagem do limite de suportabilidade de excitação; do ponto de vista qualitativo, a dor indica a qualidade do desprazer, quando este limite é ultrapassado e se endereça a Outrem; ao passo que o gozo se relaciona ao não limite entre o sujeito e o Outro: ou porque ocorreu uma colagem entre eles, ou porque o Outro foi excluído (gozo autístico). Podemos declarar, então, que o gozo é uma instância negativa, diferente do prazer. O prazer é uma barreira ao gozo.

O prazer é a excitação mínima, aquilo que faz desaparecer a tensão, tempera-a ao máximo, ou seja, então, que é aquilo que nos faz parar, necessariamente, a uma distância regulamentar do gozo. Porque aquilo que chamo gozo, no sentido em que o corpo se experimenta, é sempre da ordem da tensão, do forçamento, do gasto e até mesmo da proeza. Há incontestavelmente gozo no nível em que começa a aparecer a dor e nós sabemos que é somente neste nível da dor que pode se experimentar toda uma dimensão do organismo que de outra forma fica velada. (Lacan, 2001/1966, p. 12)

Segundo Nasio (1993), Lacan designa pelo termo gozo, três estados caracterizados do gozar: o gozo fálico, o mais-gozar e o gozo do Outro. O gozo fálico corresponderia à energia dissipada durante a descarga parcial, tendo como efeito um alívio relativo, um alívio incompleto da tensão inconsciente. Essa categoria é chamada fálica porque o limite que abre e fecha o acesso à descarga é o falo. A outra categoria, o mais-gozar, corresponderia ao gozo que, em contrapartida, permanece retido no interior do sistema psíquico, e cuja saída é impedida pelo falo. O advérbio “mais” indica que a parcela de energia não descarregada, o gozo residual, é um excedente que aumenta constantemente a intensidade da tensão interna. Observemos também que o gozo residual de que estamos falando permanece profundamente ancorado nas zonas erógenas e orificiais do corpo (boca, ânus, vagina, canal peniano e etc.) E por fim, o gozo do Outro, estado fundamentalmente hipotético que corresponderia à situação ideal em que a tensão fosse totalmente descarregada, sem o entrave de nenhum limite. Esse é o gozo que o sujeito supõe no Outro, sendo o próprio Outro, igualmente, um ser suposto.

A ideia de que o gozo deve ser recusado para que possa ser alcançado é central na ética psicanalítica. Isso significa que o trabalho psicanalítico muitas vezes envolve a identificação e a renúncia a formas de gozo que são prejudiciais ou limitadoras para o sujeito, permitindo assim a busca por formas mais saudáveis e gratificantes de gozo. Essa renúncia não é fácil e muitas vezes requer um processo de reflexão e transformação profundos.

Segundo Lacan, o gozo está relacionado ao funcionamento do corpo e do psiquismo, e está ligado à satisfação de desejos inconscientes (Coelho *et al.*, 2019). Ademais, Oliveira (2009) cita que o gozo não é algo que buscamos conscientemente, mas algo que nos afeta de forma involuntária e muitas vezes contraditória. O gozo pode ser experimentado de várias maneiras, seja na relação com o outro, na prática de atividades físicas ou até mesmo no sofrimento e na dor.

Convém ressaltar que Lacan desenvolve o conceito de gozo pela via do direito, da filosofia do direito de Hegel. A teoria do direito se estabelece como regulação das restrições impostas ao gozo dos corpos, ou seja, o contrato social. O que é lícito fazer? Até onde podemos chegar com o próprio corpo e com o corpo dos

outros? Referem-se, portanto, às barreiras ao gozo, do lícito e da licença (Souza, 1997).

Na filosofia, Bittencourt e Fontenele (2013) abordam que o conceito de gozo também é abordado de diferentes maneiras. Para filósofos como Nietzsche, por exemplo, o gozo está ligado à ideia de afirmar a vida em sua plenitude, vivendo de forma intensa e autêntica. Já para pensadores como Epicuro, o gozo está relacionado à busca pelo prazer moderado e equilibrado, evitando os excessos que podem levar ao sofrimento (Pisetta, 2016).

4 O PRAZER ILUSÓRIO: a experiência de gozo através do uso de drogas

Segundo Alencar (2016), o uso de drogas, seja ele recreativo ou abusivo, é um fenômeno complexo que tem sido objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento, desde a medicina, o direito, a filosofia até a sociologia. Uma das questões centrais nesse debate é o papel do prazer e do gozo proporcionados pelas substâncias psicoativas. Muitas vezes, como citado por Costa (2016), o consumo de drogas é impulsionado pela busca de sensações de euforia, bem-estar e prazer intensificado, criando uma experiência de prazer que, embora temporária, pode ter profundas consequências para o sujeito e a sociedade.

Mediante as análises de Alencar (2016) percebe-se que:

O lugar desse equívoco é a interpretação do uso de drogas como um prazer que se conecta automaticamente a um corpo, como um atalho que termina por ludibriar o sujeito de satisfações mais complexas. Não há uso de substância que não requeira do sujeito um processo de aprendizado no que diz respeito à vivência de uma experiência dita prazerosa. Assim, o engajamento entre a alma e o tóxico requer uma trajetória de ensaio e erro para que o uso de uma substância se converta em hábito; essa trajetória não existe sem uma iniciação dentro de um discurso que circunscreve a substância. A partir deste discurso há um engajamento da circunscrição simbólica de seus efeitos em uma dinâmica particular na qual o usuário poderá formar uma composição identitária atrelada ao uso da droga. (Alencar, 2016, p. 90)

Para Alencar (2016), a interpretação equivocada do uso de drogas como uma fonte imediata e automática de prazer ignora a complexidade da experiência envolvida. O prazer não se conecta diretamente ao corpo sem um processo de aprendizado e adaptação. O engajamento entre o sujeito e a substância requer uma

trajetória de ensaio e erro, onde o sujeito deve aprender a vivenciar a experiência prazerosa (Freud, 2019).

Esse processo é mediado por um discurso simbólico que circunscreve a substância e seus efeitos, permitindo ao usuário formar uma identidade associada ao uso da droga. Dessa forma, Savian Filho (2009) disserta que a relação entre o sujeito e a droga é construída e não simplesmente dada, sendo necessária uma iniciação que envolve a assimilação de significados e práticas culturais específicas. Alencar (2016) ressalta que é através dessa dinâmica simbólica que o usuário pode desenvolver um hábito e integrar o uso da substância em sua composição identitária, evidenciando a complexidade e profundidade do fenômeno da toxicomania.

Nesses casos, Tótolí e Marcos (2017) apontam que as drogas agem no cérebro alterando a química natural e os circuitos neurais que são responsáveis pela sensação de prazer. Substâncias como cocaína, heroína e ecstasy, por exemplo, aumentam a liberação de neurotransmissores como a dopamina e a serotonina, proporcionando uma sensação de euforia e bem-estar. Este efeito pode ser extremamente atraente, especialmente em contextos em que o sujeito busca escapar de realidades adversas ou de sentimentos negativos.

Contudo, Canabarro e D' Agord (2015) escrevem que o prazer proporcionado pelo uso de drogas é ilusório e efêmero. As sensações intensas de prazer e gozo são seguidas por um retorno a um estado emocional e físico muitas vezes pior do que o anterior ao consumo da droga.

Além disso, Oliveira (2009) define que o uso contínuo de substâncias psicoativas pode levar à dependência, onde o sujeito passa a necessitar da droga para sentir prazer ou mesmo para se sentir normal. Este ciclo de uso e dependência pode resultar em sérios problemas de saúde, incluindo danos ao cérebro e ao corpo, além de afetar negativamente as relações pessoais e a vida social do usuário. Sendo assim:

O gozo na toxicomania pode ser classificado como sendo autístico e/ou cínico, em decorrência de suas características de autonomia e independência do outro, com capacidade de neutralizar o efeito de divisão subjetiva que o Outro faz incidir no sujeito. Na droga, cada um passa a cultivar seu pequeno gozo pessoal, que nada tem de subversivo, por estar destituído de ideais consistentes. Trata-se de uma satisfação autística e solitária, na medida em que o sujeito consegue reduzir os efeitos do Outro significativo, ambicionando remediar e mesmo aniquilar o seu campo de ação, de forma que sua

satisfação fique situada em sua própria maneira de gozar e em seu próprio corpo, não passando pelo corpo do outro. (Oliveira, 2009, p. 93)

O gozo cínico reflete uma atitude onde o sujeito se engaja em atividades prazerosas com uma consciência plena de suas limitações e do caráter efêmero dessas experiências, transformando o ato de buscar prazer em um exercício de sabotagem e ironia. Na sociedade atual, marcada pelo consumismo e pela busca incessante por validação social, o gozo cínico se manifesta na forma de comportamentos que simultaneamente buscam e desdenham o prazer, criando um ciclo vicioso de satisfação superficial e frustração contínua (Lemos, 2004).

Ribeiro (2009) destaca que esse gozo não é subversivo, pois carece de ideais consistentes, sendo uma satisfação autística e solitária.

A droga permite ao sujeito reduzir os efeitos do Outro significativo, buscando remediar e até aniquilar sua influência. Assim, a satisfação do usuário está centrada em sua própria maneira de gozar e em seu próprio corpo, sem necessidade de mediação pelo corpo do outro. Essa análise revela a busca por um prazer autossuficiente na toxicomania, onde o sujeito tenta se desvincular das demandas e influências externas, buscando uma satisfação interna e independente (Delouya, 2020).

A busca pelo prazer através do uso de drogas também pode levar a comportamentos de risco e à marginalização. O sujeito pode se envolver em atividades ilícitas para sustentar o vício, além de se expor a situações perigosas que podem comprometer sua segurança e a de terceiros. Ademais, a estigmatização social associada ao uso de drogas pode resultar em isolamento social e discriminação, dificultando ainda mais o acesso a tratamento e apoio (Verceze; Cordeiro, 2016).

Diante dessas análises, Barthes, Barahona e Coelho (1983) acrescentam que para abordar este complexo fenômeno, é essencial uma abordagem multifacetada que inclua a prevenção, o tratamento e a reintegração social. Programas de educação e conscientização sobre os riscos e consequências do uso de drogas podem ajudar a prevenir o início do consumo, especialmente entre os jovens. Para aqueles que já estão envolvidos com substâncias psicoativas, é fundamental oferecer acesso a tratamentos eficazes que considerem tanto os aspectos físicos

quanto psicológicos da dependência. Além disso, a reintegração social de ex-usuários é crucial para evitar recaídas e promover uma vida saudável e produtiva (Ribeiro, 2009).

5 GOZO CÍNICO: a contradição do prazer na sociedade contemporânea

Vivemos em uma era marcada por um paradoxo fascinante e perturbador: o gozo cínico. Este fenômeno reflete a maneira como a sociedade contemporânea experimenta o prazer, imbuído de uma consciência crítica que muitas vezes revela uma contradição profunda entre o que se busca e o que realmente se sente. O gozo cínico emerge quando o prazer é perseguido com uma sensação de ironia, descrença ou até mesmo desdém, ilustrando uma dissonância entre o desejo e a satisfação (Endo; Sousa, 2013).

A palavra "cínico" tem suas origens na filosofia antiga, especificamente na escola dos cínicos, fundada por Antístenes, um discípulo de Sócrates, no século IV a.C. O termo "cínico" deriva do grego "kynikos", que significa "como um cão", refletindo o comportamento provocador e a rejeição das convenções sociais praticada pelos seguidores desta escola. Os cínicos, como Diógenes de Sinope, defendiam uma vida virtuosa vivida em conformidade com a natureza, rejeitando os desejos materiais e as normas sociais como artifícios que corrompem a verdadeira felicidade (Carvalho, 2020).

Para Jésus Santiago,

"[...] o ato do cínico não se confunde com a atitude imoral do canalha, como o quer a opinião corrente, e constitui-se mais pela ocupação do gozo do corpo fora do laço social. O cínico moderno, ao contrário do sábio cínico, não tenta fazer uma lei ética de seu modo de gozo. Ele se satisfaz com sua própria maneira de gozar - à margem, no seu canto, não tem a menor intenção de demonstração." (Santiago, 2001, p.159)

"O atalho cínico para a felicidade não pede, portanto, nem longos discursos, nem conhecimentos, mas um domínio do corpo capaz de evitar os dois maiores inimigos do homem: o prazer e o sofrimento" (Santiago, 2001, p.157).

De acordo com Lowen (2020), o prazer é uma parte intrínseca da vida humana, mas na toxicomania, ele assume uma forma cínica, onde o uso de drogas é acompanhado por uma consciência de sua futilidade e consequências negativas. Este uso irônico das drogas é uma tentativa de escapar da realidade ou aliviar o sofrimento, apesar da consciência de que isso leva à dependência e à degradação física e emocional.

Segundo Salim e Santos (2018), a toxicomania envolve uma relação complexa entre a pulsão de vida e a pulsão de morte, onde o prazer momentâneo das drogas é seguido por períodos de culpa, arrependimento e deterioração da saúde. Este ciclo reflete a natureza cínica do prazer obtido através das drogas, onde a busca pela satisfação momentânea resulta em sofrimento prolongado:

A toxicomania foi definida em relação à posição subjetiva de escravidão que o sujeito assume em relação ao objeto droga. Buscamos destacar o pioneirismo de Freud em explicar a toxicomania como função, principalmente, das idiossincrasias do sujeito. A droga é entendida como *pharmakon*, sendo seu caráter de remédio ou veneno tributário do uso que dela é feito. A toxicomania foi relacionada à satisfação autoerótica, à fixação objetal, à reversão da lógica de apoio e à agência da pulsão de morte. Em relação ao quadro da toxicomania, a droga foi relacionada ao objeto *a*, sendo que apontamos a capacidade desse objeto de fazer o princípio do prazer e do nirvana confluírem. (Salim Santos, 2018, p. 14)

Salim e Santos (2018), afirmam que a toxicomania é definida pela posição subjetiva de escravidão que o sujeito assume em relação à droga, destacando o pioneirismo de Freud ao explicar esse fenômeno através das idiossincrasias do sujeito. A droga, entendida como *phármakon*, pode ser tanto remédio quanto veneno, dependendo do uso que se faz dela. A toxicomania está relacionada a diversos conceitos psicanalíticos, como a satisfação autoerótica, a fixação objetal, a reversão da lógica de apoio e a pulsão de morte.

No quadro da toxicomania, a droga é vista como o objeto *a*, com a capacidade de unir os princípios do prazer e do nirvana. Isso sugere que a droga pode proporcionar uma satisfação que transcende a mera busca pelo prazer, tocando em aspectos mais profundos da psique humana, onde o sujeito tenta alcançar um estado de quietude ou extinção do desejo. Essa análise revela a complexidade da relação entre o sujeito e a droga, evidenciando como a toxicomania envolve não apenas uma dependência física, mas também uma intrincada rede de fatores subjetivos (MIGOTT, 2008).

Em análise, Milmaniene (2011) destaca que a sociedade contemporânea frequentemente se envolve em atividades que proporcionam prazer, mas com plena consciência das limitações e consequências desses prazeres. Isso é evidente na relação moderna com as redes sociais, onde milhões de pessoas se conectam diariamente a plataformas como Instagram e Facebook, buscando a gratificação instantânea proporcionada por curtidas, comentários e compartilhamentos. No entanto, muitos desses usuários estão cientes da superficialidade dessas interações e da artificialidade das vidas cuidadosamente editadas que são exibidas online. Apesar dessa consciência crítica, a busca pelo prazer momentâneo continua resultando em um ciclo de satisfação efêmera e frustração subsequente.

Delouya (2020) avalia que consumo de bens de luxo e marcas de prestígio também exemplifica o gozo cínico. A aquisição de itens caros e de grife é frequentemente impulsionada pela necessidade de status e reconhecimento social. Entretanto, os consumidores sabem que esses objetos não oferecem uma felicidade duradoura e, muitas vezes, são acompanhados por sentimentos de vazio ou insatisfação. Ainda assim, o desejo de pertencimento e aprovação social mantém o ciclo de consumo ativo, perpetuando o gozo cínico.

Além disso, Ribeiro (2009) visa que a cultura do hedonismo presente na sociedade contemporânea, onde o prazer imediato é exaltado, contribui para essa dinâmica cínica. Festas, viagens, experiências gastronômicas e outros prazeres são frequentemente perseguidos com entusiasmo, mesmo que muitos reconheçam que esses momentos de felicidade são passageiros e podem levar a uma sensação de vazio a longo prazo. A busca incessante por novas formas de prazer, apesar da compreensão de suas limitações, ilustra perfeitamente o conceito de gozo cínico.

Dessa forma, Migott (2008) finaliza que o gozo cínico é uma característica marcante da sociedade contemporânea, refletindo a complexidade e a contradição inerentes à busca pelo prazer. Ao compreender essa dinâmica e buscar formas mais autênticas e significativas de satisfação, podemos começar a desafiar a superficialidade do gozo cínico e construir uma vida mais equilibrada e saudável.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, a pesquisa propôs-se a entender como o prazer obtido através do uso de drogas é tingido pela consciência crítica de suas consequências

negativas, caracterizando um comportamento cínico. Ao longo do estudo, constatamos que o gozo cínico na toxicomania envolve a busca consciente pelo prazer, mesmo sabendo que este é ilusório e danoso. Este entendimento foi aprofundado pela análise de diversos autores, como Lowen (2020), que destaca a busca por prazer como parte intrínseca da vida humana, e Salim e Santos (2018), que relacionam a toxicomania à pulsão de vida e à pulsão de morte.

Consideramos que os objetivos gerais e específicos deste trabalho foram alcançados, pois conseguimos ampliar a compreensão sobre o gozo cínico na toxicomania, além de identificar novos problemas e questionamentos relacionados ao tema. A metodologia utilizada, baseada em uma revisão bibliográfica e análise qualitativa, mostrou-se adequada para alcançar os resultados desejados. A bibliografia utilizada, incluindo as obras de Delouya (2020) e Savian Filho (2009), correspondeu às expectativas, fornecendo uma base sólida para a discussão teórica.

Com base na leitura, análise, comparação e síntese de diferentes autores, ficou claro que o gozo cínico é um fenômeno multifacetado que perpassa diversos aspectos da vida contemporânea. A toxicomania, enquanto manifestação extrema desse fenômeno, ilustra a contradição entre a busca pelo prazer e a consciência de suas consequências negativas. Após este estudo, reforçamos a necessidade de abordagens terapêuticas que considerem a complexidade dessa dinâmica, promovendo formas mais autênticas e sustentáveis de prazer.

A relação entre gozo cínico e exclusão social pode ser compreendida pela forma como o prazer individualista e autossuficiente, característico do gozo cínico, se desliga das dinâmicas sociais e comunitárias. Sujeitos que experimentam o gozo cínico frequentemente o fazem em isolamento, encontrando satisfação em práticas que não necessitam da validação ou interação com o outro. Esse tipo de prazer pode reforçar sentimentos de alienação e desengajamento social, aprofundando a exclusão social. A busca por satisfação pessoal, desconectada das normas e expectativas sociais, pode levar esses sujeitos a marginalizarem ainda mais a si mesmos, perpetuando um ciclo de exclusão e isolamento.

Para abordar essa problemática, é essencial integrar intervenções clínicas com políticas de inclusão social. Clinicamente, os profissionais podem trabalhar para reconectar esses sujeitos com formas de prazer que promovam interação e

engajamento social, ajudando-os a encontrar satisfação em contextos que envolvem outros, como atividades comunitárias ou de grupo. Simultaneamente, políticas de inclusão social devem criar oportunidades e ambientes que incentivem a participação e a integração desses sujeitos na sociedade.

Programas de reabilitação social, educação comunitária e redes de suporte social são fundamentais para romper o ciclo de exclusão. Ao combinar esforços clínicos e políticas inclusivas, é possível proporcionar um ambiente onde os sujeitos possam encontrar formas mais saudáveis e inclusivas de satisfação e pertencimento, mitigando os efeitos do gozo cínico e promovendo a reintegração social.

Além disso, este trabalho sugere algumas recomendações para futuras pesquisas e intervenções. É essencial desenvolver programas de prevenção e tratamento que abordem não apenas os aspectos biológicos da dependência química, mas também os fatores psicológicos e sociais que contribuem para o gozo cínico. Também é recomendável investigar outras manifestações do gozo cínico em diferentes contextos sociais e culturais, para uma compreensão mais abrangente do fenômeno.

Por fim, este estudo contribui para a elucidação de questões importantes relacionadas ao gozo cínico na toxicomania, abrindo caminho para novas pesquisas e abordagens terapêuticas que visem a uma vida mais equilibrada e plena para os sujeitos afetados por essa condição.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Rodrigo. **A fome da alma: psicanálise, drogas e política na modernidade**. 2016. PhD Thesis. Universidade de São Paulo.
- BARTHES, Roland; BARAHONA, Maria Margarida; COELHO, Eduardo Prado. **O prazer do texto**. Ed. 70, 1983.
- BITTENCOURT, FONTENELE, Laéria Bezerra. **Uma análise psicanalítica da compulsão e da impulsão a partir da perspectiva do gozo e do ato**. 2013.
- CANABARRO, Rita de Cássia dos Santos; D'AGORD, Marta Regina de Leão. **Prazer e gozo nas toxicomanias**. aSEPHallus, p. 56-72, 2015.
- CARVALHO, Luis Osete Ribeiro. DUARTE, Francisco Ricardo. MENEZES, Afonso Henrique Novaes [et al.]. **Metodologia científica: teoria e aplicação na educação a distância** – Petrolina-PE, 2019. 83 p.: 20 cm. 1 Livro digital.
- CARVALHO SENA, Daniel Richardson. **RADICALISMO ÉTICO: A FILOSOFIA CÍNICA DA GRÉCIA ANTIGA**. Revista Interação Interdisciplinar (ISSN: 2526-9550), 2020, 4.1: 141-154.
- COELHO, Flávia Parizi Pedroso, et al. **As bases, em Freud, do conceito lacaniano de gozo**. Revista de Psicanálise da SPPA, 2019, 26.2: 377-401.
- COSTA, Márcio Clayton da Silva, et al. **Prazer e gozo na toxicomania: como as drogas concernem ao social?** 2016.
- DELOUYA, Daniel. **Beyond the pleasure principle: between life and death drives**. Revista Brasileira de Psicanálise, 2020, 54.1: 48-60.[CS1]
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.
- ENDO, Paulo; SOUSA, Edson. **Itinerário para uma leitura de Freud. Freud, Sigmund. A interpretação dos sonhos**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2013.
- ERCOLE, Flávia Falci; MELO, Laís Samara de; ALCOFORADO, Carla Lúcia Goulart Constant. **Revisão integrativa versus revisão sistemática** - Integrative review versus systematic review - REME rev. min. enferm;18(1): 09-11, jan.-mar. 2014.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. LeBooks Editora, 2019.
- FUKS, Betty Bernardo. **O gozo na experiência e teoria psicanalítica**. 2007.
- LACAN, J. O Seminário. Livro 7. **A Ética da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988 [1959-60]
- LACAN, J. (2001). O seminário. Livro 14. **A lógica da fantasia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1966-1967)

LEMOS, Inez. **O gozo clínico do toxicômano**. Mental, 2004, 2.3: 51-60.

LOWEN, Alexander. **Prazer**. BOD GmbH DE, 2020.

MIGOTT, Ana Maria Bellani. **Dependência química: problema biológico, psicológico ou social?**. 2008.

MILMANIENE, José E. **Prazer, gozo e realidade no mundo contemporâneo**. Revista de Psicanálise, Porto Alegre, 2011, 63-75.

NASIO, J.-D. (1993). **Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

OLIVEIRA, Luci Alves de. **Toxicomania e gozo**. 2009.

OLIVEIRA, Roseli Maria Rodella. **O Uso do Conceito de Gozo em Psicanálise nos Estudos dos Laços Sociais**. 2009.

PAULA, Ana Paula Paes. **Toxicomania e posições subjetivas: uma dialética entre o prazer e o gozo**. Psicologia Revista, 2014, 23.2: 157-179.

PEREIRA, Douglas Rodrigo; MIGLIAVACCA, Eva Maria. **Aspectos da compulsão à repetição na toxicomania**. Cadernos de psicanálise (Rio de Janeiro), 2014, 36.30: 71-87.

PISETTA, M. A. A. D. M. **Discurso e gozo: Psicanálise e sociedade**. Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, 19, 21-33. 2016.

RIBEIRO, Cynara Teixeira. **Que lugar para as drogas no sujeito? Que lugar para o sujeito nas drogas? Uma leitura psicanalítica do fenômeno do uso de drogas na contemporaneidade**: A psychoanalytical view on the phenomenon of drug use nowadays. Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, 2009, 12: 333-346.

SALIM, Anna Luiz Dantas; SANTOS, Elza Ferreira. **Toxicomania e Pulsão**. Psicanálise & Barroco em revista, 2018, 16.2: 148-164.

SANTIAGO, J. **A droga do toxicômano: uma parceria clínica na era da ciência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

SANTOS, Clayton Ezequiel, et al. **A experiência da toxicomania e da reincidência a partir da fala dos toxicômanos**. Estudos de Psicologia, 2007, 24.4.

SAVIAN FILHO, Juvenal. **O Epicurismo e a ética: uma ética do prazer e da prudência**. Bioethikos. Centro Universitário São Camilo, 2009, 10-17.

SERRETTI, Maria Angélica Tomás. **Toxicomania: um estudo psicanalítico**. Mosaico: estudos em psicologia, 2012, 5.2.

SOUZA, Milton Lopes de. **A medicina, a psicanálise e a psicossomática: o usufruto do corpo**. Estilos da Clínica São Paulo, Brasil, v. 2, n. 3, p. 43–50, 1997.

TÓTOLI, Flávia Costa; MARCOS, Cristina Moreira. **Psicanálise e Toxicomania. Cadernos de Psicanálise** | CPRJ, 2017, 39.36 jan/jun: 125-140.

VERCEZE, Flávia Angelo; CORDEIRO, Sílvia Nogueira. **Trainspotting: a psychoanalytic perspective of drug addiction in contemporary society**. SMAD. Revista eletrônica saúde mental álcool e drogas, 2016, 12.3: 154-162.

VIEIRA, M. M. F. e ZOUAIN, D. M. **Pesquisa qualitativa em administração: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.